

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

7. Mães sozinhas com filhos sem pai

Responsável EBP: Carla Serles

Participantes: Amanda Vargas, Carlo Genaro Gauto Fernández (*in memoriam*), Danielle Omine, Gleice Taciana Barbosa, Laureci Nunes, Maria Alzira Galvão, Ricardo Rezende, Rosilene Caramalac

Mães sozinhas com filhos sem pai - propósitos de conversação -

Tomando como ponto de partida o argumento do VIII ENAPOL, que busca uma interpretação atualizada para as modificações verificadas na organização familiar, sobretudo na família ocidental, esse ensaio pretende tratar de questões relativas às *mães sozinhas com filhos sem pai*, situação cada vez mais recorrente na família contemporânea. Vetor incontestado da simbologia de seu tempo, a família tem refletido, de modo fidedigno, a estrutura cultural vigente, absorvendo e retransmitindo os valores, os impasses e os resíduos da época em que se insere. Por outro lado, à luz da psicanálise, a família – independentemente das transformações que sofreu e de sua configuração na atualidade – “tenta elaborar e seu seio um real como impossível de suportar, o familiar, nesse sentido, não elimina de sua estrutura o real do gozo, o *unheimlich*, mas o transmite”.¹ Trata-se de um segredo sobre o gozo, daquilo que “une” uma família, do impossível de dizer: de que gozam pai e mãe?²

¹ Furman, M., *Heimlich-Unheimlich. Boletines Assuntos! Do ENAPOL*. Disponível em: <http://www.asuntosdefamilia.com.ar/pt/template.php?file=Boletines/Asuntos/004/Miguel-Furman.html/>
Acesso em: 10 jul. 2017.

² Miller, J.-A., *Assuntos de família no inconsciente*. 1993. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_01.htm/ Acesso em: 12 jul. 2017. E ainda, cf. vemos no filme grego *Miss Violence* (dir. Alexander Avranas, 2013), que inicia com o suicídio de uma criança de onze anos e apresenta tal drama com cruéis cenas de violência doméstica perpassado por esse real inassimilável, onde as crianças são as vítimas mais indefesas.

A família hoje

Exposta às transformações ultra-velozes, a família atual sofre os impactos das descobertas científicas e das imposições tecnológicas que daí derivam. As repercussões dessa realidade embaraçam e realinham a noção de tempo e de espaço.

Essa nova ordem reescreve a noção de privacidade – até recentemente, um dos atributos da família. O efeito de anteparo social é sensivelmente abalado e a família contemporânea vê-se trespassada pelas miragens imagéticas. Desancorada da cartilha da tradição, o que se põe em curso é uma rearticulação radical da família, de seus valores, de suas personagens e, sobretudo, de seu enredo.

Na esteira dessas modificações, um dado que tem cada vez mais expressão diz respeito ao aumento do número de mulheres criando seus filhos sem a presença do pai. Pai ausente por deliberação materna, paterna ou por pura contingência.

No Brasil, isso é verificável em índices demográficos. De acordo com pesquisas oficiais,³ no ano de 2002, 24,9% dos domicílios particulares tinham mulheres como pessoas de referência. Pouco mais de dez anos depois, em 2014, esse índice passou para 39,8%.⁴

Um evento social alimentou parte dessas estatísticas na década de 80: eram as “viúvas da seca”, mulheres que foram deixadas com seus filhos, nos sertões nordestinos assolados pela seca, pela miséria e pela fome. Poucos dos maridos retornaram aos lares e aos seus.

As razões e proporções demográficas não decorrem de fenômenos simples ou lineares. Historicamente, o número de viúvas sempre superou o de homens na mesma situação. Da savana ao *front*, o macho sempre esteve mais suscetível ao desaparecimento trágico.

Ao avançar na pesquisa dos motivos que alicerçam o fenômeno de demissão paterna da cena familiar, podem-se elencar inúmeros fatores, principalmente advindos como ecos dos discursos da Ciência e do Capitalismo.

No campo da Ciência, os avanços genéticos reeditam a narrativa médica dos processos físico-químicos que ocorrem nas atividades vitais. A inserção de novos paradigmas tem alcance tão amplo que pode inclusive dividir o processo biológico do nascimento humano. Fecundação, gestação e filiação já não mais respondem pela certificação cabal da mãe, tal

³ IBGE, IBGE divulga indicadores sociais sobre a mulher. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm/> Acesso em: 10 jul. 2017.

⁴ Sales, R., Saraiva, A., Rosas, R., Brasil conta com mais lares chefiados por mulheres. *Valor Econômico*. Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4794419/brasil-conta-com-mais-lares-chefiados-por-mulheres-diz-ibge/> Acesso em: 10 jul. 2017.

qual teorizou Freud: “«*pater semper incertus est*», enquanto a mãe é «certíssima»”.⁵ Ao avançar, a ciência joga com a verdade e faz vacilar as certezas basais de um sujeito.

Para além da manipulação genética, bem antes ainda, no início dos anos 60, a Ciência já influenciava as primeiras revoluções sociais, embaladas pelo aparecimento da pílula anticoncepcional – elemento que provocaria uma ruptura do incontornável do destino de uma mulher: ser mãe.

Passando a contar com a opção de não ter filhos, a gravidez afasta-se do compulsório para precipitar-se enquanto desejo. Concomitantemente, perdem valia tanto a virgindade quanto o matrimônio, dando vez à sexualidade mais afeita à liberdade de escolha, sem necessariamente redundar no casamento. Doravante, a união estável é o que denota a parceria fundada na presença do desejo de estar junto, em substituição ao matrimônio indissolúvel.

No passo dessa revolução, as possibilidades de procriação se multiplicam e promovem uma disjunção entre reprodução e ato sexual. Cada vez mais, a decisão de uma mulher sobre ter um filho está dissociada das limitações e/ou impossibilidades naturais de concepção e gestação, assim como de injunções morais e religiosas. A maternidade se reescreve, agora, como um direito.

“Desnatalidade” – esse é o termo delicado proposto por Jacques-Alain Miller para aludir ao fato novo, moderno, contemporâneo: “ali onde as mulheres se tornaram cidadãs, sujeito de direito de pleno exercício (o que levou muito tempo para se dar), de bom grado elas fazem objeção à maternidade”.⁶

Todos esses processos colaboram para a palidez do pai na atualidade. Descentrado de seu lugar de agente da lei, ele experimenta o declínio do patriarcado e, no ocaso da função, assiste às novas formações familiares. A própria estrutura homem-mulher perde valência em um mundo orientado para além do eixo binário heterossexual. As parcerias eróticas que estruturam as famílias atuais se pautam mais pelo amor vigente do que pelo compromisso moral celebrado nos casamentos: admite-se inclusive que o parceiro possa ser rotativo. O amor dirige-se, antes, à pessoa enquanto objeto eleito. Então, com certa frequência, já não se trata de uma eleição forjada exclusivamente na diferença entre os sexos.

⁵ Freud, S., Romances familiares. *Edição standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume IX. Rio de Janeiro: Imago. 1969, p. 245.

⁶ Miller, J.-A., Mãe-Mulher. *Opção Lacaniana* N° 71. São Paulo. 2015, p. 14.

Sobre a solidão e a ausência

Embora a mãe possa ser tomada, fantasmagoricamente, como completa para uma criança e mesmo que a maternidade possa representar uma sideração e/ou uma saturação pelo objeto para o feminino, a mãe nunca sobreporá a mulher: “A criança *realiza* a presença do que Jacques Lacan designa como objeto *a* na fantasia. Ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica”.⁷ Sempre haverá restos refratários à plenitude materna e, como tais, irredutíveis à significação. Dessa forma, ser mãe é somente uma das alternativas de sentido e de gozo no infinito catálogo da feminilidade.

A esse impossível complementar pode-se, de bom grado, tomá-lo como uma das versões da não relação sexual. Nas palavras de Lacan: “mesmo que se satisfaça a exigência do amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira”.⁸

Mãe-solo

No que segue, adotou-se a definição de “mãe-solo”, proposta por Rose-Paule Vicinguerra: “mulheres que são detentoras da autoridade parental ou criam seus filhos sozinhas, sejam elas viúvas, divorciadas, separadas do pai de seu filho, quer elas tenham querido ou não ter esse filho, seja o pai conhecido ou desconhecido”.⁹

Essa composição significativa – mãe-solo – tornou possível o ultrapassamento da concepção restrita aos fatores sócio-econômicos-culturais vigentes em direção à ideia da adoção de um filho por um desejo particularizado de uma mulher.

Portanto, para que uma criança possa ser localizada na economia psíquica de uma mulher e, por conseguinte, seja admitida em seus cuidados, depende mais de que seu gozo possa condescender ao desejo, pela via do amor, do que de suas parcerias amorosas.

⁷ Lacan, J., Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, p. 370.

⁸ Lacan, J., O aturdido. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, p. 467.

⁹ Vicinguerra, R., Mamãe solo. *Ser Mãe – mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: Editora EBP. 2015, p. 95.

Mulher-mãe

Jacques-Alain Miller, ao sublinhar a oposição entre a mulher e a mãe, dirá que a verdadeira mulher é aquela que não tem, aquela que sendo o Outro da falta ou do déficit, encarnará a ferida da castração. Nesse sentido, é aquela que não tem nada a oferecer senão sua falta e os signos que daí derivam: “A verdadeira mulher, ao modo de Lacan, não recua diante de nada, diante de nenhum sacrifício, quando o mais precioso está em jogo – diante de nada, ali onde o homem, obnubilado, emaranhado pelo que tem a perder, não segue adiante, desvia o olhar, passa a outra coisa”.¹⁰

No que se refere à mãe, a perspectiva do inconsciente opera em sentido contrário. Ou seja, a presentificação do objeto encobre o que, por estrutura, sempre foi incompletude. A aparição do filho pode embalar a própria mãe com canções de exaltação, fortuna e acréscimo.

Não obstante todo esse clima de sideração diante da presença reluzente do objeto, resta ainda a insuficiência para responder o que da mulher se instaura como um gozo obscuro e o que do bebê pode se manifestar como estranho para ela.¹¹

Essa lacuna complementar edita o que escapa desse encontro ideal e atesta a angústia evidenciada em muitas dessas mulheres. Tal descompasso, antes tratado sob o véu da privacidade ou mesmo silenciado pela vergonha da mãe ao ver-se incapaz de responder à altura do que estava posto como a “boa maternagem”, atualmente, embasa algumas publicações em redes sociais. Argumentos como “eu odeio ser mãe, mas amo meu filho”,¹² têm encontrado repercussão considerável, gerando discussões acaloradas sobre a desmistificação da maternidade.

Nessa nova conjugação, as vicissitudes do corpo no puerpério e a impossibilidade de complementaridade, de felicidade preconizada pelos ideais da cultura, são tratadas num viés realista, por assim dizer, distantes de enquadres pré-estabelecidos.

A maternidade, seja como acontecimento ou como recusa, equivale a uma condição *sine qua non* do feminino. Como acontecimento, refere-se a uma experiência a um só tempo

¹⁰ Miller, J.-A., Medeira a meio dizer. *Opção Lacaniana* N° 71. São Paulo. 2015, p. 9.

¹¹ *O estranho em mim* (2010), filme de Emily Atef, atesta a estranheza que representa para uma mãe seu bebê recém-nascido.

¹² Canal *HellMother*. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL12uF9aUfHr-yGKBhYVH9_-e-h-bWiA/ Acesso em: 07 abr. 2017.

“simbólica e real”, numa confluência específica entre “linguagem e pulsão”.¹³ Desse modo, a face pulsional da maternidade responde pelo que não se incorpora totalmente pelo falo, pelo imponderável da experiência, que Lacan formulou através do não-todo fálico.

Sem garantias, um encontro contingente tornará possível (ou não) para uma mulher apresentar-se como mãe para uma criança. Essa particularidade na nascerça desarticula a progeneratura como condição indispensável. Mãe é aquela que dá à luz a um desejo singular capaz de acolher a criança, que, por sua vez, traz um “vestígio inequívoco” do que se escreve como um destino almejado.

Para além do Édipo, a invenção

Partimos de um fenômeno constatado: há mães sozinhas criando seus filhos sem a presença paterna. Para além das questões sociológicas, políticas ou econômicas, o que disso nos interessa como questão clínica?

Se seguirmos com o pressuposto comum de que toda mãe deveria ter um companheiro com quem dividiria a responsabilidade da criação dos filhos, vale a pergunta: é apenas um mito ou se trata de um pressuposto lógico?

Por um lado, temos o costume. O habitual, no Ocidente, diz respeito à família monogâmica, mononuclear, restrita à mãe, pai e filhos. A prerrogativa daí derivada – do ponto de vista do funcionamento da subjetividade – é que essa família assim constituída produziria filhos que pudessem se inserir no laço social habitando um discurso, sujeitos *norme mâle*¹⁴ – inscritos no universal da lei.

Essa expectativa se sustenta em um modelo caro à psicanálise em seus primórdios: o viés do Complexo de Édipo. O que diz esse modelo? Que, para além da possibilidade da constatação da diferença sexual da menina – a ausência do pênis nela – e para além das demandas que ela faz à sua mãe, tem-se o campo dos significantes que só se organiza e se torna capaz de gerar significância estável no caso de haver um significante diferenciado, um significante paterno. Imaginariamente falando, o pai.

¹³ Leguil, C., *O ser e o gênero: homem / mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP. 2016, p. 118.

¹⁴ Cf. Lacan, J., *O aturdido. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, p. 480; esclarecendo-se que os termos, em francês, mantêm uma homofonia entre “normal” e “norme mâle” (norma masculina).

O pai seria o Outro da pura diferença entre os significantes. O pai, como ímpar, seria o ponto de parada, o *point de capiton* para a obtenção de uma significação estável, capaz de dar uma localização ao sujeito no sistema simbólico do Outro, dos costumes, da lei.

O pai, então, é uma metáfora – o que significa que ele não funciona por si mesmo (no imaginário de sua presença) e sim por alusão ao Outro de uma dada civilização, como diria Freud, de características patrilineares onde a lei paterna seria inquestionável ou inamovível. Essa metáfora, portanto, seria uma premissa lógica de um sistema dedutivo universal, perfeitamente organizado: se “x”, logo, “y”.

Esse modelo sofre modificações históricas e transmutações radicais no ensino de Lacan. A partir dessas elaborações, poder-se-ia pensar que “O” pai não existe. Existem apenas “pais”. Da mesma maneira, “A” mulher não existe, mas apenas mulheres. Nem há “A” relação sexual, apenas relações e cópulas contingentes com ânsias de eternidade. Não existe “O” pai bem-sucedido, organizador. A falha paterna é uma condição necessária ao advento de um sujeito de desejo.

Por outro lado, o registro do simbólico, sempre presente e jamais negado, não é suficiente para gerar os benefícios que a experiência analítica pode trazer aos analisantes – ir além do pai, servindo-se dele, na perspectiva de encontrar uma nomeação possível ao real do gozo, uma nomeação singular.

Diante disso, pode-se afirmar que a forma de fazer laço entre o imaginário, o simbólico e o real é o ponto de fuga de toda certeza, já que, no cotidiano da clínica, o real da não relação sexual sempre se apresenta, se impõe. A cada mulher caberá a invenção de uma maternidade (solo) para além dos excessos de significação tecidos na cultura.

Enquanto isso, como ensina Lacan, em relação à criança, cabe destacar que seu sintoma – ao passo que funciona como representante da verdade da família – não será indiferente se ele advier do casal parental ou da relação direta com a mãe.¹⁵

Bibliografia

Freud, S., Romances familiares. *Edição standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Volume IX. Rio de Janeiro: Imago. 1969.

Furman, M., *Heimlich-Unheimlich*. *Boletines Assuntos! Do ENAPOL*. Disponível em:

¹⁵ Lacan, J., Nota sobre a criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, p. 369.

<http://www.asuntosdefamilia.com.ar/pt/template.php?file=Boletines/Asuntos/004/Miguel-Furman.html>/ Acesso em: 10 jul. 2017.

Lacan, J., Nota sobre a criança. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

Lacan, J., O aturdido. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

Leguil, C., *O ser e o gênero: homem / mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP. 2016.

IBGE, IBGE divulga indicadores sociais sobre a mulher. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm>/ Acesso em: 10 jul. 2017.

Miller, J.-A., Mãe-Mulher. *Opção Lacaniana* N° 71. São Paulo. 2015.

Miller, J.-A., Medeia a meio dizer. *Opção Lacaniana* N° 71. São Paulo. 2015.

Miller, J.-A., Assuntos de família no inconsciente. 1993. Disponível em:

http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_01.htm/ Acesso em: 12 jul. 2017

Sales, R., Saraiva, A., Rosas, R., Brasil conta com mais lares chefiados por mulheres. *Valor Econômico*. Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4794419/brasil-conta-com-mais-lares-chefiados-por-mulheres-diz-ibge/> Acesso em: 10 jul. 2017.

Vinciguerra, R., Mamãe solo. *Ser Mãe – mulheres psicanalistas falam da maternidade*. Belo Horizonte: EBP. 2015.

HellMother. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLI2uF9aUfHr-yGKBhYVH9_-_-e-h-bWiA/ Acesso em: 07 abr. 2017.